

REFLEXÕES DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Natiély Ramyla de Almeida Ferreira Nobre¹

Tatiane Zabala Gomes²

Eixo temático : 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este texto apresenta o estudo que investigou a visão de professoras alfabetizadoras sobre o conceito de alfabetização e letramento, bem como as dificuldades e reflexão sobre a formação docente. Para a efetivação dessa investigação fez-se uma pesquisa de campo, na qual utilizou-se a entrevista com roteiro semiestruturado para a produção dos dados. Essa pesquisa contou com a participação de quatro professoras alfabetizadoras, sendo uma professora da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e as demais da cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Os dados demonstram semelhanças e divergências entre os pensamentos das entrevistadas, bem como contradições entre o discurso e a prática. Foi possível refletir que não basta apenas saber em teoria o que é alfabetização e letramento, é preciso ter consciência de que ambos são indissociáveis e que o professor alfabetizador precisa adquirir estratégias para saber alfalettrar na prática, no entanto é preciso que se repense numa formação inicial e continuada, para que o educador adquira conhecimentos necessários capazes de fazê-lo sentir-se seguro de suas ações dentro da sala de aula.

Palavras-chaves: formação de professores; professoras alfabetizadoras; alfabetização; letramento.

Introdução

A trajetória da Alfabetização e Letramento no Brasil, foi centrada na história da disputa entre os métodos, “[...] uma questão que atravessou o século XX e ainda persiste, recebendo ao longo do tempo, sucessivas pretensas “soluções” [...]” (SOARES, 2017, p.16-17- Grifo do autor). Soluções essas das quais a autora destaca ser a substituição entre os métodos, onde um novo método é proposto, adiante o mesmo é criticado e negado e então um novo método surge, em seguida passa ser negado novamente por não ter sanado as lacunas e então vem

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus do Pantanal. Contato: nobrenatiely@gmail.com

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus do Pantanal. Professora das séries iniciais pela Prefeitura Municipal de Corumbá – MS. Contato: tatianezg@gmail.com

outro e assim por diante.

A preocupação em garantir aos educandos a inclusão no “mundo” da cultura letrada inicia-se juntamente com o processo da democratização do ensino e loteamento das escolas na década de 1950 no Brasil. Portanto, alfabetização e letramento não é um assunto novo, tampouco concluso; e, por não ser concluso, a temática encontra-se em ascensão e tem ganhado atenção em trabalhos acadêmicos como tem se tornado tema de Seminários, Congressos, Fóruns entre outros eventos científicos a fim de investigar as várias facetas que permeiam esse processo.

Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo analisar a visão de quatro professoras alfabetizadoras sobre o conceito de alfabetização e letramento, dificuldades e reflexão sobre a formação docente.

Esse estudo tem uma abordagem qualitativa, ou seja, ocorre “[...] numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.18).

Como instrumento de produção de dados utilizamos a entrevista que, segundo Lüdke e André (1986, p. 34) “[...] a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Optamos pela entrevista com roteiro semiestruturado, a fim de atingir a finalidade aqui proposta.

Após as entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição das falas mediante autorização das participantes e, em seguida foi confeccionado um quadro, onde as mesmas puderam ser estudadas individualmente, comparadas e analisadas.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente será apresentada uma análise das entrevistas a luz do referencial teórico e em seguida, serão apresentadas as considerações finais.

A voz das professoras alfabetizadoras

As professoras desse estudo trabalham em escolas diferentes, a primeira educadora exerce seu ofício em uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental de escola pública localizada no município de Campo Grande/MS. A segunda educadora desempenha seu ofício numa sala de 3º ano em uma escola ribeirinha mantida pela parceria do público e o privado, localizada no município de Corumbá/MS. A Terceira faz parte da rede pública de ensino do município de Corumbá e atua como professora regente em duas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental. A quarta também faz parte da rede pública, mas atua como regente em uma turma de 1º ano e outra de 3º ano do Ensino Fundamental. Ambas fazem parte do quadro de efetivos da escola

em que estão.

Para manter o sigilo da identidade das participantes as mesmas serão denominadas por P1, P2, P3 e P4.

Quando questionadas sobre suas respectivas opiniões sobre o letramento e alfabetização envolverem duas práticas diferenciadas de ensino ou uma só e o porquê, obtivemos as seguintes respostas:

Acredito que um é sequência do outro. Uma alfabetização bem feita leva ao letramento, a alfabetização é o domínio de habilidades e de um sistema linguístico que junta com um conjunto de técnicas para escrita e a leitura, enquanto o letramento se preocupa com a função social do ler e escrever **(P1)**.

Alfabetização é uma prática e letramento é outra. Então, são duas coisas diferentes, a alfabetização é apresentar para os aprendizes as letras e a escrita, fazendo uso dessas letras. Já o letramento é ajudá-lo a entender como essas letras fazem parte da vida, como compreender o que se ler e escreve é tão importante no mundo atualmente e que a leitura não é feita somente de letras, mas envolve símbolos, os números e os desenhos **(P2)**.

O letramento tem a ver mais com a função social né, que é inserir a criança no processo social que é de leitura de vários gêneros. E alfabetização é mais o sentido da escrita né, da decodificação. Ela vai aprender o sistema convencional ortográfico alfabético é mais isso que a leitura e a escrita. E letramento não, é a interpretação de gêneros, é poder escrever para ter função social, então eu acredito que é práticas diferenciadas. **(P3)**

Na verdade são duas práticas diferenciadas mas que elas andam juntas. Na verdade elas se associam, não existe alfabetização sem letramento e nem letramento sem alfabetização. [...] elas se completam, a gente precisa alfabetizar-letrando. [...] são duas práticas diferentes porém que estão interlaçadas, que se completam. **(P4)**

De acordo com a fundamentação teórica utilizada, compreendemos que os conceitos de alfabetização e letramento são distintos e distinguem-se em alguns aspectos.

[...] alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos (SOARES, 2004, p.97).

Portanto, entre as professoras foi possível verificar que todas concordam que alfabetização e letramento apresentam conceitos diferentes, por esse motivo a P2 e a P3 acreditam serem duas práticas diferenciadas. A P1 já que se posiciona mencionando que a alfabetização antecede o letramento, ficando evidente que em sua opinião são duas práticas,

no entanto, se respaldar somente nesse aspecto para justificar duas ações pedagógicas distintas, acaba sendo simplista. Já a P4 defende que as duas precisam caminhar juntas, já que uma inexistente sem a outra dentro da prática pedagógica.

Compreende-se, segundo Soares (2017), que a alfabetização é um processo complexo que abrange várias facetas, isto é, fazendo uma analogia, a alfabetização seria um prisma (o todo) e as facetas seriam as faces desse prisma. Dessa forma, o todo acaba sendo fragmentado, visto que cada área procura compreender/estudar determinada faceta e no final todas se reúnem novamente para compor o todo.

Partindo desse pressuposto pode-se afirmar a partir do referencial teórico que de fato letramento e alfabetização envolvem duas práticas diferentes de ensino, no entanto Soares (1998, p.47) afirma que “[...] alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita [...]”. Dessa forma, a P1 apresenta uma visão equivocada quando menciona que o letramento é sequência da alfabetização, uma vez que, embora seus conceitos e práticas pedagógicas sejam diferentes é preciso que ambos caminhem juntos, isto é, sejam indissociáveis, para que o processo de alfaletar³ (o todo) seja constituído, visto que:

[...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p. 97).

Portanto, alfabetização é um elemento do letramento, ou seja, ambos se somam, dessa forma é preciso ensinar a tecnologia do sistema alfabético e ortográfico da criança, fazendo com que a mesma venha desenvolver habilidades de uso da leitura e da escrita em contexto social e cultural, isto é, alfabetizar letrando e letrar alfabetizando, tornando-se uma única prática, ou seja, alfaletar.

Em relação a pergunta onde buscam fundamentos/conhecimentos para organizar as práticas/atividades cotidianas de alfabetização/letramento foi possível verificar que a P1 utiliza um referencial fornecido pela instituição como fundamento de suas práticas e conta com o auxílio de materiais de apoio, bem como da cartilha Sodré. Já a P2 menciona utilizar livros, sites da internet, colaboração dos companheiros de trabalho, como também orientações e formações promovidas pela instituição na qual trabalha. A P3 e a P4 mencionam que procuram em sites da internet atividades de alfabetização, bem como a utilização dos livros

³Alfaletar é uma concepção de ensino bem como um projeto que nasceu em 2007 da parceria entre a professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Magda Soares, e a Secretaria de Educação do Município de Lagoa Santa (MG).

didáticos fornecidos pela rede municipal.

Percebe-se que utilizam-se de vários recursos para contribuir com suas respectivas práticas, no entanto diferem-se quanto ao uso do material didático, pois a P3 e a P4 relatam que utilizam de livro didático, mas aqueles que são da própria rede de ensino. A P2 não menciona utilizar livro didático, mas livros, já a P1 enfatiza usufruir da cartilha Sodré, um material obsoleto cujo o objetivo busca uma alfabetização dissociada do letramento, o que demonstra uma contradição quanto ao seu posicionamento em relação ao primeiro questionamento.

Com relação ao apego ao livro didático, Chatier (2011, p.153) alerta que “[...] o livro didático é cômodo porque se trata de um material pronto para o uso, que organiza durante o ano as diferentes relações grafema-fonema e inventa pequenos textos a partir dos quais se vai trabalhar”.

As educadoras foram questionadas sobre a questão das maiores dificuldades para ensinar uma criança a ler e a escrever. Ambas refletiram e levantaram argumentos diferentes, a P1 apoiou-se na questão da indisciplina, a P2 na relação com o tempo, e a P3 e a P4 enfatizam o pouco apoio familiar.

A indisciplina presente em sala de aula e a falta de participação dos pais na vida escolar. **(P1)**

Eu acredito que é o tempo, as crianças não aprendem todas juntas e ao mesmo tempo, respeitar o tempo de cada criança, irá fazer muita diferença em seu aprendizado. Pular etapas, correr com o ensino para cumprir as metas da escola e dos governos, não ajuda em nada o ensino e o aprendizado das crianças. **(P2)**

(...) as crianças não têm apoio em casa, elas vem sem nenhum apoio familiar às vezes. (...) têm muitas crianças que são desinteressadas né, tem criança que a gente vê que que a posição social ela também prejudica, porque a criança aqui né é desassistida de uma vez, então com certeza esse processo de ensino vai ser prejudicado (...) **(P3)**

Eu acredito que hoje é grande dificuldade do professor seria auxiliar as crianças que ela já vem com uma bagagem psicológica afetada, ela já vêm de famílias desestruturadas, extremamente faltosos, chegam na escola com várias, como que eu posso chamar, com vários traumas já e a gente tem que tratar o psicológico preparar essa criança né, buscar essa parceria família-escola e dentro de todo esse contexto, porque a criança ela vem com a bagagem dela, com contexto familiar dela. A gente precisa ensinar essa criança a ler e escrever com os déficits da vida né (...) **(P4)**

A análise desses posicionamentos permite depreender que não existe apenas uma dificuldade no processo de ensino/aprendizagem, isto é, vários são os fatores que contribuem para o fracasso no que diz respeito a alfabetização. Fica evidente também que as concepções variam de acordo com cada docente e o contexto em que está inserido.

A última questão estava relacionada a formação do “professor alfabetizador”, sobre o que pensavam sobre a mesma: se é preciso ser diferenciada ou não. As entrevistadas emitiram as seguintes opiniões:

Acredito que não, o que faz a diferença é o saber-fazer e a busca por formações continuadas, planejamento e a prática dos saberes didáticos. **(P1)**

Sim, precisa e muito. Acho que na prática e não só nas leituras e discussões de texto que abordam o assunto, mas colocar os acadêmicos que querem ser professor alfabetizador em contato com as crianças nesta fase do aprendizado, para que o acadêmico encontre a sua forma de ensinar, porque alfabetizar e letrar não é uma tarefa fácil e simples. É uma tarefa que exige muito conhecimento. Tem que estudar muito, conhecer o que os especialistas sabem sobre o assunto, já pesquisaram, isso significa ler sobre o assunto, se informar, e o principal adequar todas as informações as crianças que estão sendo alfabetizadas e letradas, para que o ensino e o aprendizado de fato aconteça. O professor alfabetizador, já deve passar pela graduação de uma maneira diferente e ter consigo que seu trabalho com as crianças será diferente. **(P2)**

Precisa porque é muito difícil alfabetizar a criança né, ensinar criança ler é difícil. Então eu acho assim que tinha que ter, como tem diversos cursos diferenciados que o governo oferece né em práticas de professores alfabetizadores mas sempre tá mudando porque nunca tem o resultado esperado né, então toda vez práticas novas são feitas. Mas eu acho que ainda não se chegou a um dominador comum porque toda vez se cria novos programas. **(P3)**

Eu acredito que sim, que a formação do professor alfabetizador deve ser diferenciada visando a prática mesmo, a prática de ensino, como abordar esse aluno, como planejar para diversos alunos, como planejar de forma diferenciada tentando alcançar aquele aluno que tem dificuldade. Então tinha que ser mais específico né, tanto na prática, quanto na teoria. Seria a palavra ‘destrinchar’ melhor essa questão do letramento, de atividades que possam ser desenvolvidas, da prática em si para que a gente consiga desenvolver esse aluno, letrar esse aluno. Porque uma das maiores dificuldades é o letramento e a alfabetização, é o alfabetizar letrando, não apenas alfabetizar, tem que andar de mão dada os dois conceitos as duas práticas elas precisam andar de mão dadas. Então acredito que a formação tem sim que ser diferenciada para esse professor. **(P4)**

As entrevistadas divergem nesse aspecto, pois P1 acredita que não é necessária uma formação diferente para o/a educador/a que deseja ser “alfabetizador/a”, mas se contradiz quando refere-se sobre a busca de formação continuada, já a P2 acredita que sim e ressalta ainda no que precisa ser diferente.

A identidade docente é um processo contínuo, não é algo pronto e acabado, somos sujeitos em transformações. Portanto, é preciso refletir sobre a formação inicial e continuada dos professores alfabetizadores visto que “[...] a deficiência na formação docente resultará em danos para os alunos que seguem o Ensino Fundamental sem estarem alfabetizados” (SILVA, 2018, p.10).

Outro ponto que destacamos refere-se a necessidade de se ter receita para ensinar, sempre solicitando capacitações que visem a prática, algum método inovador de como alfabetizar. O que não podemos esquecer de que:

[...] se o **método** do professor é o caminho [...] em direção a *criança alfabetizada*, e se para trilhar um *caminho*, é necessário conhecer seu curso, seus meandros, as dificuldades que se interpõem, alfabetizadores(as) dependem do conhecimento do *caminho* da criança [...] para orientar seus próprios passos e os passos da criança, [...] **alfabetizar com método**: alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização (SOARES, 2017, p. 352 –Grifo do autor).

Por último destacamos a fala da P3 sobre as tentativas governamentais em formar professores alfabetizadores que sempre apresenta discontinuidades, sendo necessário que haja formação em rede, conforme aponta Soares, (2014), que possibilite a troca entre pares no cotidiano da escola.

Considerações Finais

O presente estudo buscou analisar como professoras alfabetizadoras refletem sobre as práticas de alfabetização e letramento, dificuldades e por fim como examinam sobre a formação docente. Foi possível constatar semelhanças e divergências em relação ao pensamento das entrevistadas, bem como contradições entre a fala e a prática da alfabetizadora P1.

Através dos relatos refletimos que não basta apenas saber o que é alfabetização e letramento, é preciso ter consciência de que ambos são indissociáveis e que precisamos criar estratégias para alfalettrar. Contudo, é preciso que se repense a formação inicial e continuada de forma a propiciar os conhecimentos necessários capazes de dar seguranças nas ações dentro da sala de aula.

O processo de alfabetização é complexo, o qual apresenta diferentes facetas e, embora existam muitas pesquisas e discussões sobre a temática, ainda é preciso percorrer um longo caminho para alcançar o objetivo de alfabetizar e letrar todos os brasileiros, principalmente se levarmos em consideração a atual conjuntura política do Brasil, onde acredita-se que retornar com o método fônico resolverá o problema do analfabetismo funcional. Consiste em atitude simplista, como se o problema envolvesse somente o método de aprendizagem, desconsiderando todo o conjunto que envolve o trabalho docente.

Referências

CHARTIER, Anne-Marie. A leitura e sua aquisição: modelos de ensino, modelos de

aprendizagem. In: SOARES, Magda. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. 2 ed. Belo Horizonte; Ceale/Autêntica Editora, 2011, p. 147-184.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Luciana Nogueira. A formação do professor alfabetizador: desafios e possibilidades para o trabalho docente. In: VII Encontro Nacional das licenciaturas, 1., 2018, Fortaleza. **Anais [...]**. ENALIC, p. 1-15, 2018.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**. v.8, fev., p.96-100, 2004.

SOARES, Magda. Formação de Rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.4, n.2, p.146-173, dez., 2014.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte; Ceale/Autêntica Editora. 2020.